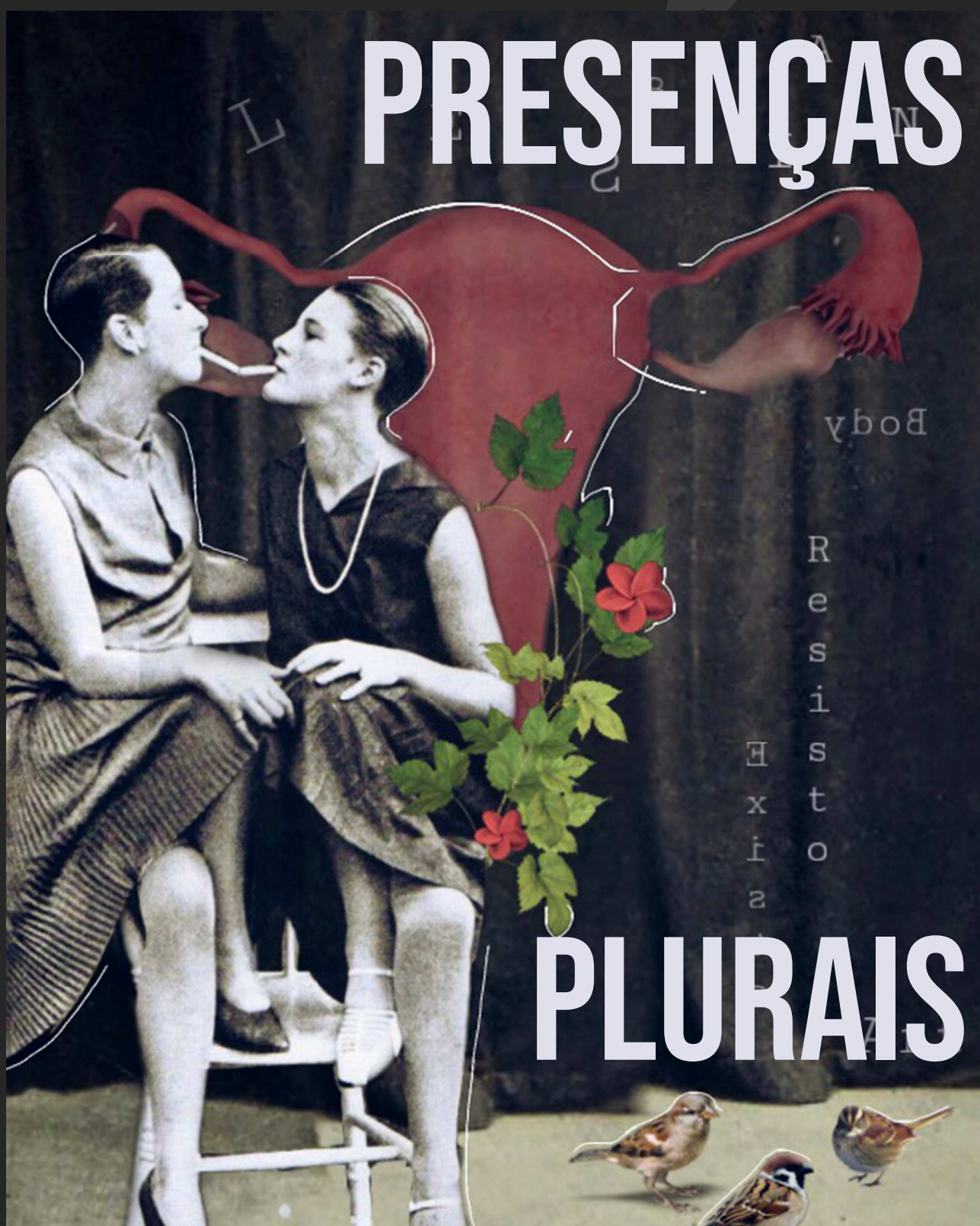


EXPOSICAO

PRESENCAS



PLURAIS

OCCUPACAO



APRESENTAÇÃO

E S P A Ç O

Seria ele um demarcador de distâncias, ou um campo amplo para ser preenchido? Pensando que todo espaço pode ser atravessado e ocupado, é possível entendê-lo como um lugar a ser aumentado por vidas, trocas e afetos. Afinal, muita coisa pulsa entre um ponto e outro da geografia da vida, e pensando assim, talvez o espaço seja um corpo vivo que precise ser ativado. Com esse olhar, imprimimos em nossa pele um desejo de acontecimento. Algo como uma vontade de ocupar o espaço com a potência da presença, capaz de conferir ao corpo da paisagem a vitalidade das trocas e afetos. Esta é a força que mobilizou este projeto que foi, a um só tempo, uma exposição de arte e um meio de ativar artisticamente locais abandonados e/ou destinados a outras finalidades. PRESENÇAS PLURAIS foi então o nome desta exposição/ocupação que se configurou como uma demarcação de território e sinalizou também uma abertura para outros modos de ocupar e preencher o campus da universidade. É como corpo vivo que o espaço nos interessa: local de encontro, trocas e transbordamento.

Espaço Ruínas foi o nome que demos ao bloco por nós ocupado para fazer acontecer essa exposição. Sobre ele, algumas digressões: dotado com cerca de 50 salas de aula, 4 andares e um auditório com capacidade para aproximadamente 100 pessoas, esse bloco, cuja obra se encontra parada há cerca de 10 anos, possui ainda um destino incerto. Demolição, abandono ou salas de aula? Uma pergunta que lançamos ao vento e que fica a deriva do poder público, da burocracia e do governo do estado. Enquanto isso, o

bloco segue abandonado e nós, estudantes e professores do Curso de Artes Visuais da UEM, seguimos sem bloco, laboratórios, salas de aulas e ateliês. Pois bem, essa é a realidade de muitos cursos na Universidade Estadual de Maringá. Cursos novos ou antigos que carecem de estrutura física adequada para desenvolverem suas atividades. Blocos provisórios, emprestados e improvisados: uma realidade que perdura na nossa universidade desde sua fundação e não impede, apesar de dificultar muito, que exerçamos nossas atividades acadêmicas, de pesquisa, ensino e extensão com qualidade, ética e responsabilidade.

Muito além do campo da arte, a exposição/ocupação Presenças Plurais foi um acontecimento que iluminou questões variadas, como o descaso do poder público com a esfera da educação, a precariedade dos cursos novos que carecem de estrutura, a ausência de locais de convívio e troca na universidade, a escassez de estruturas destinadas à arte e à cultura. Por outro lado, essa experiência reafirma o quanto a arte pode ser pensada como canal de potencialização de trocas e como vetor de transformação das condições de vida que nos são dadas como prontas. Tendo a arte e o desejo coletivo como força motriz, ocupar artisticamente um espaço ocioso e abandonado como esse, foi um gesto político, uma forma de problematizar as limitações de uma realidade dada já inventando outra realidade possível. Afinal, não temos na nossa universidade um espaço expositivo e cultural que atenda nossas demandas, e na ausência de uma sala de exposições, criamos/ocupamos o Espaço Ruínas.

Como corpo vivo, o Ruínas recebeu, num período de 4 dias, mais de 350 pessoas. Pelo nosso livro de visita, constatamos que estudantes de 25 cursos diferentes de nossa universidade passaram pela exposição. Professores e autoridades da UEM e de outras instituições de ensino também marcaram presença, e algumas turmas do ensino médio foram recebidas pelos nossos mediadores.

Considero esses dados bastante relevantes, números que sinalizam tanto o sucesso de nossa proposta, quanto o desejo de nossos alunos e professores por lugares de convívio e produção cultural. Desejo. Necessidade.

Em 4 dias, mais de 350 vidas oxigenaram um local até então abandonado. Vivo, o corpo arquitetônico do Espaço Ruínas pulsou, na medida em que nossos visitantes circulavam pelas salas e corredores para ver os 31 trabalhos artísticos que compuseram a exposição e se encontravam distribuídos no térreo do Ruínas.

Sobre os trabalhos expostos, eram em sua maioria produções de alunos e ex-alunos do curso de artes visuais da UEM. Artistas de outros cursos e instituições também marcaram presença, sendo dois deles artistas e professores. Vídeo, desenho, pintura, fotografia, escultura, instalações e performances audiovisuais. Múltiplas linguagens e diferentes perfis de artistas que, gentil e corajosamente, aceitaram o risco de entrar conosco nessa aventura de criar/ocupar um bloco entre poeira, dejetos e resíduos de construção.

Com um ímpeto artístico, ativamos o espaço e o desejo comum de viver uma experiência transformadora. A dimensão do coletivo merece ser aqui destacada, posto que esta proposta ganhou vida com o trabalho de muitas mãos. Desejos múltiplos que convergiram num projeto comum. Vale pontuar que esta exposição é um desdobramento da disciplina de Estudos e Planejamentos de Espaços Expositivos, a qual eu divido com o Prof. Ms. Maddox, e com o qual tive o prazer de dividir também a curadoria e concretização dessa proposta. Importante dizer também que a exposição/ocupação integrou o I Seminário de Artes Visuais: corpo a corpo, presenças plurais, que esteve sob coordenação do Prof. Dr. Vinicius Stein.

Como curadora e proponente dessa exposição/ocupação, me retiro de cena para dividir os méritos desse acontecimento com todas as alunas e alunos do 4º ano de Artes Visuais da UEM que participaram ativamente de todas as etapas do processo. O que me emociona nessa proposição é saber que Presenças Plurais é, sem dúvida, um projeto coletivo, cuja potência reside nesse lugar onde o eu dá passagem para o nós, onde o grupo ganha vez e voz para afirmar-se como plural e possível.

Por fim, reforço que fomos movidos e tomados por uma força desejante que não cessou com o término dessa exposição. Ocupamos um bloco com nosso desejo de criação, e ele segue vivo e forte. Pronto para imprimir na paisagem de nossa universidade a vitalidade das trocas e afetos que somente o encontro e o coletivo pode gerar. A arte foi e é vetor para que nosso desejo siga pulsando e inventando espaços de vida e resistência.

Roberta Stubs
Curadora e proponente

ÀS PLURALIDADES EM RUÍNAS

Espaço em ruínas, ruindo, caindo. Destroços e vestígios de uma estrutura, que por incrível que pareça, encontra-se numa das universidades mais prestigiadas do país, a Universidade Estadual de Maringá – UEM. Grandes blocos abandonados estão desabando sob nossos olhos, nossos sonhos, ocupando a natureza de nossa visão e usurpando os espaços da mente com perguntas sem respostas. O que podemos fazer para ativar esses lugares de paredes vazias e poeiras acumuladas? Ocupar, enchê-los de presenças outras, plurais, diversas. A ocupação dos territórios sempre esteve ligada à humanidade, o trânsito de um espaço para o outro, a desterritorialização e a mudança são fatores que nos trouxeram para um processo evolutivo um tanto diferente de outros animais. É nesse sentido que a exposição Presenças Plurais, localizada em um espaço em ruínas na Universidade Estadual de Maringá, ganha corpo e dá início à um modo rebelde de pensar a arte para aqueles espaços e na própria academia.

Os trabalhos selecionados pelo processo curatorial teve como eixo as diferenças, seus corpos, suas urgências e as linguagens utilizadas para se reinventar em um momento onde o fascismo adentra as brechas mais importantes de nosso país. Ocupar um bloco abandonado com arte, é em muitos aspectos, ocupar um espaço que o próprio curso não tem dentro da universidade, é dialogar com o pó e os restos de um prédio em ruínas, é lançar nossos corpos em um mundo com outras estéticas plurais. O desejo pela vida mais livre, ética e em sintonia com outros povos é percebível em cada obra apresentada por artistas experientes, novos, em pleno desenvolvimento poético. A exposição é um marco importante para outros trabalhos do tipo, com outros vieses e desdobramentos. Avante!

Ms. Maddox Cleber
Curador

ARTISTAS

Aléxia Amanda Doro

Ana Julia Preza de Campos

Andreia Massae Kokata

Angélica T. Gonçalves

Aron Lisboa de Macedo Brito

Bárbara Boer

Beatriz Marques Nolli

Bianca Luiza Marçal Melchior

Camila Faustino Zinhoni

Carina Seron da Fonseca

Coletivo Zeroum

Débora Curti

Gabriel Silva Batista

Gabriela Narumi Inoue

Grégori Kestering

Isabella Dinardi A. da Silva

Jacqueline Amandio de Abreu

Larissa de Oliveira Bellan

Lua Clara Fontes

Ludmila Castanheira

Juliana Pamplona

Maressa Vieira Galetti

Matheus Fiaux Pereira

Matheus Yukio Takahassi

Mayara Pereira Kusakawa

Natalia Dias Pedroza

Priscila Castro de Souza

Ricardo Thomasi

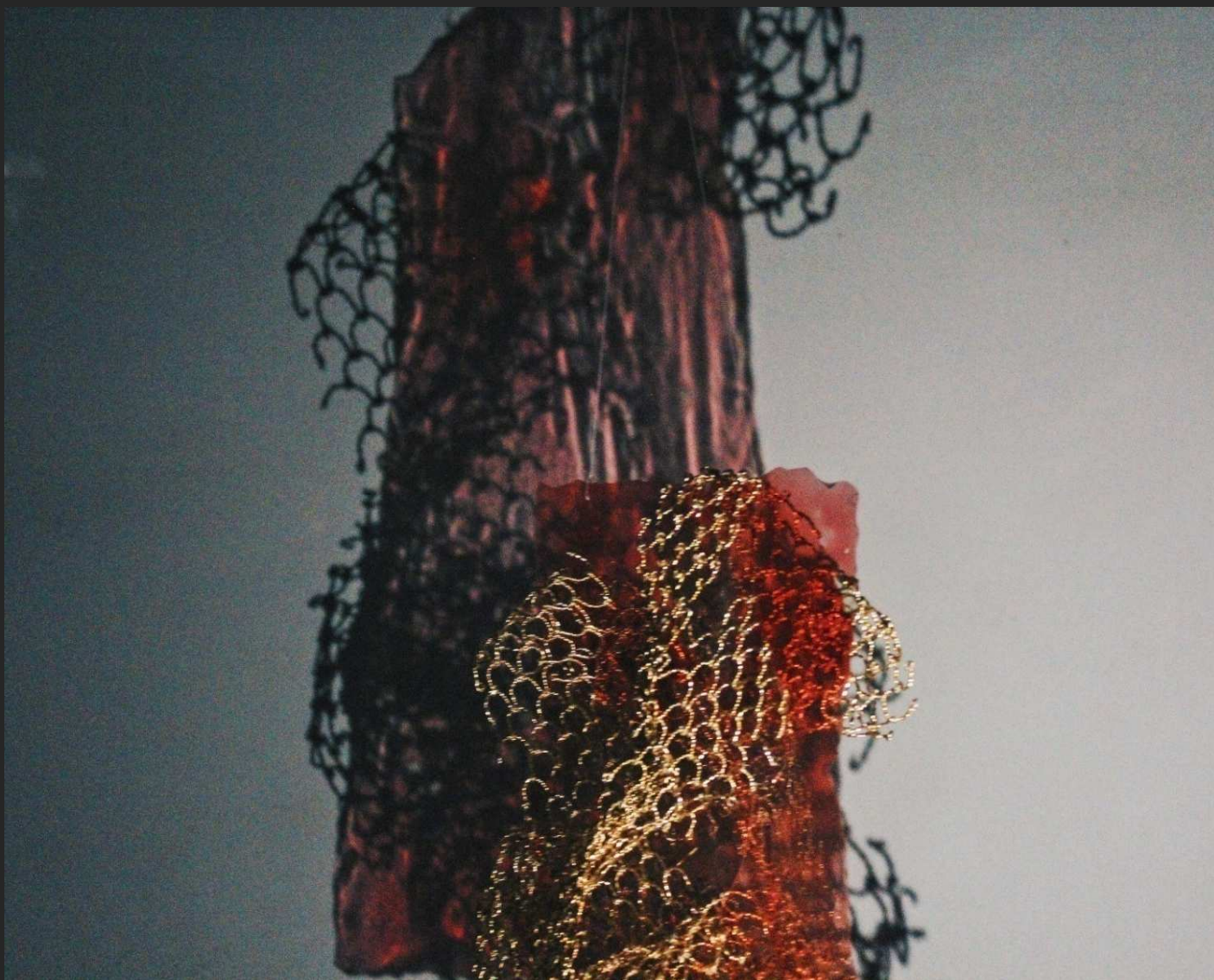
Rodrigo Pedro Casteleira

Soraya Ayumi Tory

Thalia Mendes Rocha

ALÉXIA DORO

INTRÍNSECO



Intrínseco

Aléxia Amanda Doro

2019

Instalação em arame e acetato. 32cm x 30cm cada (aprox.)

ALÉXIA DORO



O presente trabalho baseia-se na imagem do dragão como fio condutor para a produção de uma visualidade. Esse dragão enlaça na tênue linha que separa o real do imaginário, flertando com a psique humana e explorando suas facetas arquetípicas. Sua base conceitual é a Psicologia Analítica fundada por Jung e emaranhada em vivências particulares para a produção de uma instalação interativa com sete esculturas.

O objetivo da artista foi emaranhar-se com este que a artista entende como dragão interior e explorar uma pequena parte de sua Sombra, conceito Junguiano, para produzir algo visual com alguns de seus aspectos mais sombrios.

A IDENTIDADE DO MONSTRO

A IDENTIDADE DO MONSTRO



A identidade do Monstro

Ana Júlia Campos

2019

Videoarte, instalação e fotografia

PRESENÇA ANA JÚLIA CAMPOS



"A identidade do monstro", um trabalho de vídeo arte e fotografia compostos em uma instalação, teve seu desenvolvimento motivado pela inquietação que me persegue ao pensar na relação entre o meu ser criança e a adulta em processo. Existe uma constante contraposição de pessoas, trazendo a criança e a adulta, mostrando suas divergências e convergências, mas também os anseios, medos e inseguranças, originários da criança, que ainda continuam reverberando. A busca pela identidade do monstro é a busca pela identidade dissidentes que assumo, a afirmação da diferença enquanto potência existencial, e não como a não-identidade. As questões que me colocam no lugar de monstro perpassam pelo ser mulher, ser LGBT, ser mais alta que a maioria das mulheres (e homens) e algumas questões estéticas que, mesmo depois de tanta discussão, ainda continuam assombrando e tentando cessar os fluxos identitários em uma caixa, como o próprio peso. O trabalho tem em si, a potência de ser um disparador para que outras pessoas repensem sobre a construção e desconstrução de suas identidades, promovendo então a elaboração de uma nova escrita de si, assumindo o controle da sua interpretação do próprio corpo.

ANDREIA KOKATA

POÉTICA TERAPÊUTICA



Poética Terapêutica

Andreia Masae Kokata

2018

Instalação, escultura e assemblage. Dimensões variadas.

ANDREIA KOKATA



Bulas, cápsulas, comprimidos vencidos, frascos de soro fisiológico e seringas aos montes dizem do meu dia a dia – os medicamentos. É nesse trânsito contaminante entre a enfermagem e as artes visuais que busquei com os meus trabalhos trazer para o meio da saúde formas artísticas de expressar e pensar a terapêutica, campo da medicina que estuda os meios e procedimentos para tratar doenças, já que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais da metade dos remédios são prescritos, vendidos, descartados e consumidos incorretamente. Critico, então, pelo humor e com a arte os efeitos silenciosos do uso indiscriminado dos medicamentos, mas volto-me sobre isso a partir do conceito de saúde poética (WINNICOTT, 1975), a qual inter-relaciona o criar à saúde, em vista disso, objetivo instigar a saúde por meio do inventar/significar com base na capacidade humana de inventar-se através de suas vivências. Opero por uma medicina psicolúdica, aquela que cura brincando e pelo excesso, repetição torno visível os remédios presentes entre e em nós, prática esta que nos marca e habita nosso tempo e viver.

ANGÉLICA GONÇALVES

À FLOR DA PELE



À flor da pele
Angélica Gonçalves
2019
Série fotográfica. 70cm x 50cm.

ANGÉLICA GONÇALVES



A série À flor da pele (2019) busca explorar as relações subjetivas existentes entre artista e participante. Ao abrir o processo criativo para a interferência do participante, surgem caminhos de encontro inesperados, mas que transformam cada fotografia em uma espécie de mapa da relação entre o eu e o outro. Por meio da obra participativa cada participante repensa sua própria subjetividade, escolhendo um elemento (material ou imaterial) e uma parte do corpo que o(a) caracterize. Esse fragmento de si é entregue a mim para que seja materializado em fotografia a partir do que recebi com o sentido e significado desejados pelo participante. Posteriormente, coloco-me a criar uma dupla fotografia só que desta vez moldando-a a partir da minha interpretação pessoal sobre cada pessoa. Cada fotografia é uma captura efêmera do tempo, e cada uma gera seu reflexo instantâneo, imaginado pela interpretação subjetiva de cada um, cabe a nós escolher por qual viés enxergar os elementos que deixamos aflorar.

ARON BRITO

MATRIARCAS



Matriarcas

Aron Brito

2019

Projeção de fotografia. 3456 x 2304px.

ARON BRITO



A exposição Matriarcas, foi uma série de fotografias exibidas por meio de projeção, que surge de ações desenvolvidas no Projeto de Extensão Design e Arte na Valorização da Cultura Kaingang do Paraná, desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá e vinculado ao programa Universidade sem Fronteiras, com apoio da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Paraná, no qual se propôs destacar a produção artesanal da etnia Kaingang da Terra indígena Ivaí do Paraná.

A técnica de trançamento Kaingang com fibras naturais é milenar e passada geracionalmente pelo fazer empírico dos pais e mães juntamente com os filhos, como aborda Kimiye Tommasino "a venda de artesanato é uma atividade que foi iniciada desde que surgiram das primeiras vilas, pelas suas mães e avós."

Este fato somado à produção artesanal feita durante a oficina, apenas por mulheres, originou o nome que intitula a série de fotografias. Ainda sobre essa produção artesanal vale o destaque para a forma com ela se constitui, com as artesãs sentadas ao chão, todas no mesmo nível, disposta em círculo uma ajuda a outra quanto a como fazer as peças, sendo um momento de muita conversa, troca, risadas e ensino.

BÁRBARA BOER

LUTE COMO UMA RUÍNA



Lute como uma ruína

Bárbara Boer

2019

Fotografia de pintura corporal. 200x5cm x 80cm.

BÁRBARA BOER



O registro fotográfico da pintura corporal “Lute como uma ruína”, parte de um desdobramento fundamentado em como o corpo feminino foi dotado de estereótipos, forjados por uma perspectiva patriarcal, machista, preconceituosa e desigual. A relação de corpo/ ruína diz respeito de uma estrutura forte que não se enfraquece, que sempre vai estar presente e em luta. Corpos plurais, corpos que se relacionam com outros corpos, afetos trazidos por outras pessoas e levados por nós mesmos a outros indivíduos. Assim, a pintura corporal propõe fluídos por meio das linhas diante de corpos negros, gordos, brancos, altos, baixos, transexuais, homossexuais e bissexuais.

BEATRIZ NOLLI

TECITURA DO MEU CORPO-MULHER



Tecitura do meu corpo-mulher

Beatriz Marques Nolly

2019

Escultura de crochê com linha de algodão cru. 22cm x 65cm x 45cm.

BEATRIZ NOLLI



Tecitura do meu corpo-mulher, é uma instalação de teor autobiográfico. Formada por um útero produzido em crochê, que serve de recipiente para imagens do corpo da artista, costuradas com linhas tingidas com seu sangue menstrual, a produção se constrói a partir de uma vontade de repensar alguns incômodos construídos durante a infância da artista, de modo a construir, durante o processo de criação, um sentimento de aceitação para com o seu próprio corpo cíclico de mulher. Nesse trabalho, por meio do tecer, assim como nas mitologias, Beatriz tenta reescrever sua história com o seu corpo, compreendendo-o como um corpo cíclico, fértil e sagrado.

BIANCA MARÇAL

O GESTO EM MOVIMENTO



O gesto em movimento

Bianca Marçal

2019

Mural, tinta acrílica sobre parede. 5m x 10m (aprox.)

BIANCA MARÇAL



Este trabalho teve como enfoque a representação do movimento, pela tinta, pelos braços da artista, e pelo espaço expositivo. Após o desenvolvimento de um projeto de temática e estética parecida percebi que precisava sair da zona de conforto e partir para um novo espaço, uma nova dimensão de trabalho. Optei então por trabalhar com o mural em cinco paredes diferentes, seguindo a ordem da coreografia que vinha estudando ao longo destes últimos meses. A obra começou pelo planejamento do espaço, a decisão das cores e tentar encontrar um tamanho para os corpos que eu iria dispor pela sala. Durante o processo de pintura liguei músicas dentro da sala, na semana de exposição, e pude soltar meus braços para longas linhas do chão até o topo dos braços levantados das personagens, linhas confiantes, sem medo de aparecerem e ficarem na parede. A dimensão foi muito importante para mim, ao tentar manter as proporções do corpo por todas as paredes eu estava fugindo de tudo aquilo que já era estagnado para mim. Os movimentos bruscos de meus braços eram parelhos aos movimentos que faço com o pulso quando estou desenhando na folha.

CAMILA FAUSTINO, DÉBORA CURTI E RICARDO THOMASI

(DES)CONEXÕES



(Desc)conexões

Carla Andreia Anselmo, Débora Curti Cirilo e Ricardo Thomasi

2019

Performance multimídia. 20min.

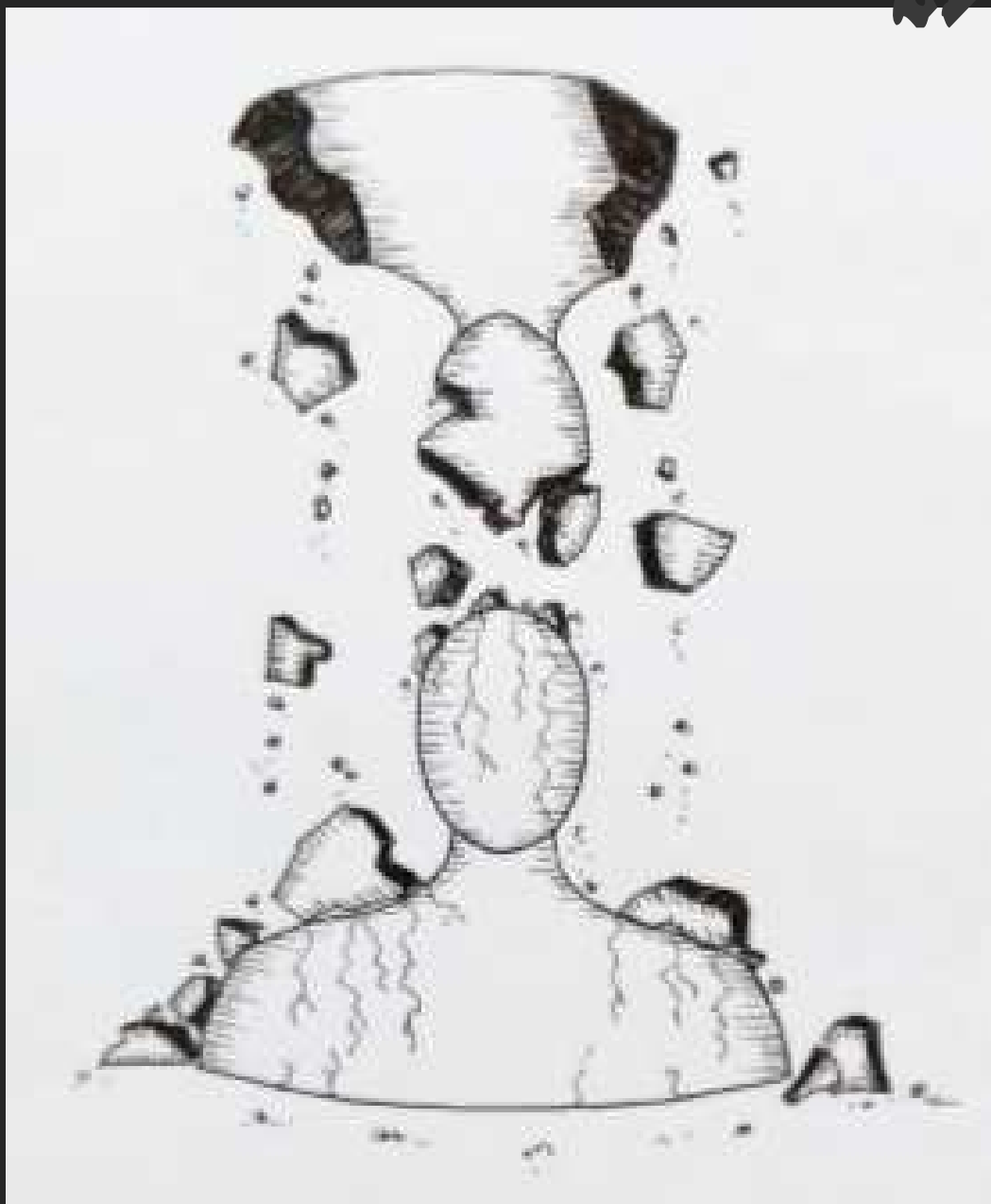
CAMILA FAUSTINO, DÉBORA CURTI E RICARDO THOMASI



(des)Conexões é uma performance multimídia que explora possibilidades criativas através da heterogênesse de linguagens artísticas, propondo conectar diferentes corpos – corpo-luz, corpo-sonoro, corpo-paisagem, corpo-tempo – em um mesmo desenvolvimento motivico. São projeções de luz, de imagens, de sonoridades concretas e de dança, que criam enigmas emergentes, que distorcem os corpos, que criam espaços de relações, que ressoam uns nos outros, que se deformam, se reformam, se transformam, reprogramando seus próprios limites.

CARINA SERON

HETERORRETRATOS



Heterorretratos

Carina seron

2018

Série de nanquim sobre papel. 14,8cm x 21cm.

CARINA SERON



O trabalho autobiográfico e minimalista da artista se dá por meio de pequenas esculturas e pequenos desenhos e aborda, por meio do conceito da Modernidade Líquida, cunhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2004, 2007), os afetos, as angústias e os atravessamentos causados pelas relações humanas euoutro, reflexo da sociedade contemporânea. Seus desenhos partiram de referências do trabalho com esculturas desenvolvidas pela artista, relacionando as peças frágeis com a fragilidade representada nos desenhos deste ensaio, os quais se quebram diante dos atravessamentos das relações euoutro. Nesse sentido, Carina Seron, ao mobilizar seus afetos em obra, coloca-se, neste ensaio, enquanto um sujeito heterorretrato (RIVERA, 2013), um sujeito afetado pelo seu entorno e pelas relações euoutro.

COLETIVO ZEROUM

COMPLEMENTARES



Complementares
Coletivo Zeroum
2019

Pintura, performance e fotografia. 21cm x 29,7cm.

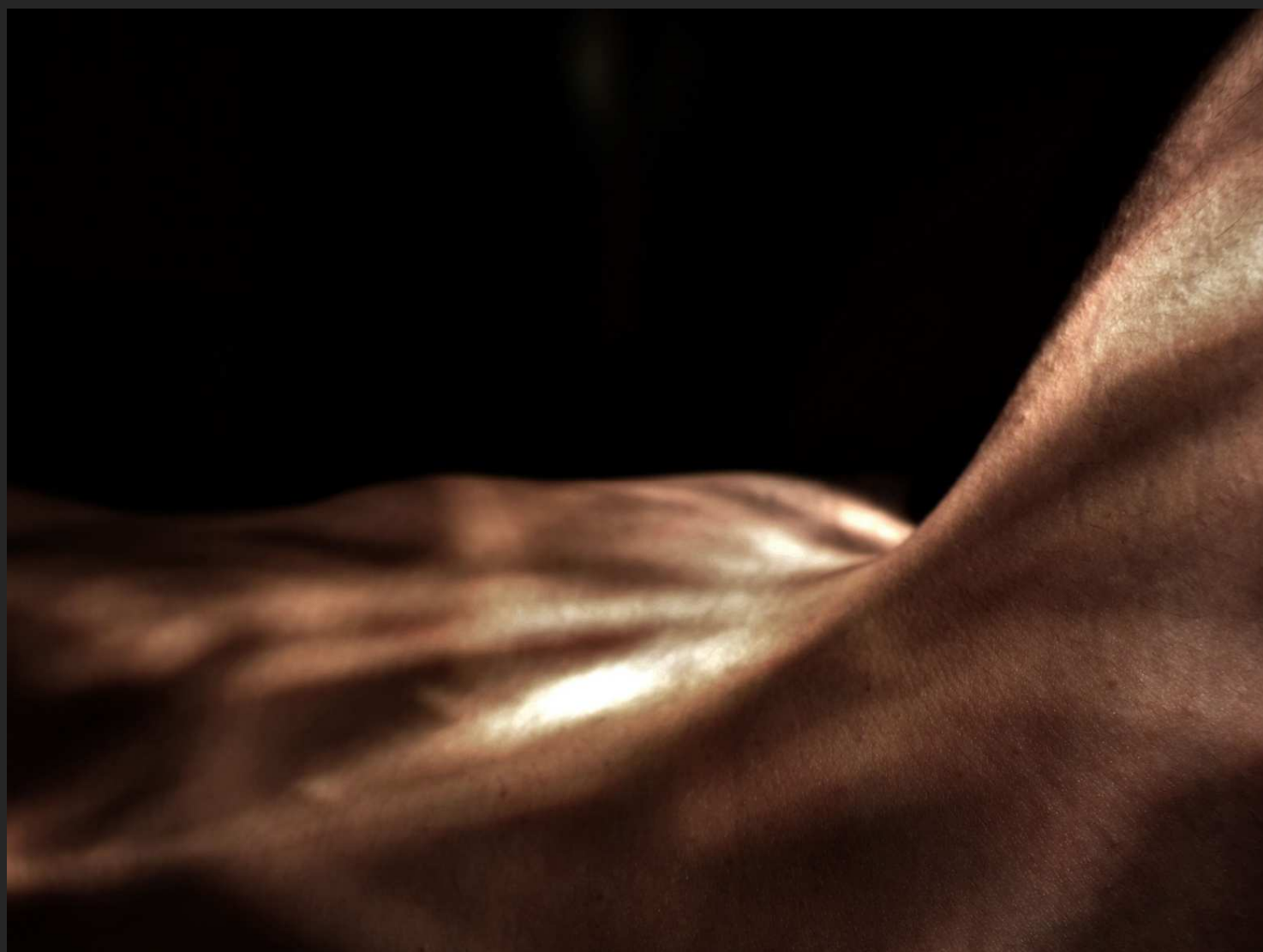
COLETIVO ZEROUM



O Coletivo Zeroum tem como objetivo o hibridismo a partir de técnicas com pintura, performance e fotografia. A partir da necessidade de exploração além da pintura no corpo individual, surgiu o coletivo, com a finalidade de explorar a pluralidade de corpos e como compor, assim, a obra apresentada. A fotografia não deveria ser somente um registro de produção, mas fazer parte da própria obra híbrida. A produção foi realizada em conjunto, uns pintavam os corpos dos outros, ou os seus mesmos, e depois saíram para fotografar pelo campus da Universidade Estadual de Maringá. Pensavam que, por meio das fotos, é possível passar muito do que ficaria despercebido pelo olhar momentâneo, o observador pode ver e rever o objeto e a partir desse olhar obter múltiplos encontros e interpretações. Analisaram que o corpo tornou-se uma superfície de exploração e descoberta para uma linguagem visual que desafiou as formas de compreender a arte, enquanto fruição, recepção e interpretação. O corpo humano enquanto superfície, possibilita a experimentação, com diversos materiais, tintas, maquiagens, colagens e fotografia. Ele enquanto arte, constrói-se, reconstrói-se, modifica, atualiza, cria uma gama de possíveis interpretações e raciocínios.

DÉBORA CURTI

INDISCERNIBILIDADES



Indiscernibilidades
Débora Curti Cirilo
2019
Série fotográfica. 21cm x 29,7cm.

DÉBORA CURTI



Débora Curti, sem título - da série "Indiscernibilidades", 2019.
Fotografia editada impressa em papel 260g, 21 x 29,7cm.

Ultrapassa-se a superfície da pele até chegar ao âmago do ser, sem abandonar, porém, sua camada mais superficial. De quem são esses corpos afinal? A identidade aqui pouco importa. Entre pele e entranhas, dissolvo os limites entre o eu e o outro, o dentro e o fora, o que nos forma e deforma, nesse (in)constante movimento de intensidades que nos atravessam. A imaginação ganha espaço para vibrar e criar novas formas, percorrendo os caminhos traçados pela luz e pela sombra, mutando-se nas diversas possibilidades de criação disparadas pela indiscernibilidade visual da imagem.

GABRIEL BATISTA

GLÓRIA



Glória

Gabriel Batista

2019

Tinta acrílica sobre fotografia e saco plástico. Dimensões variadas.

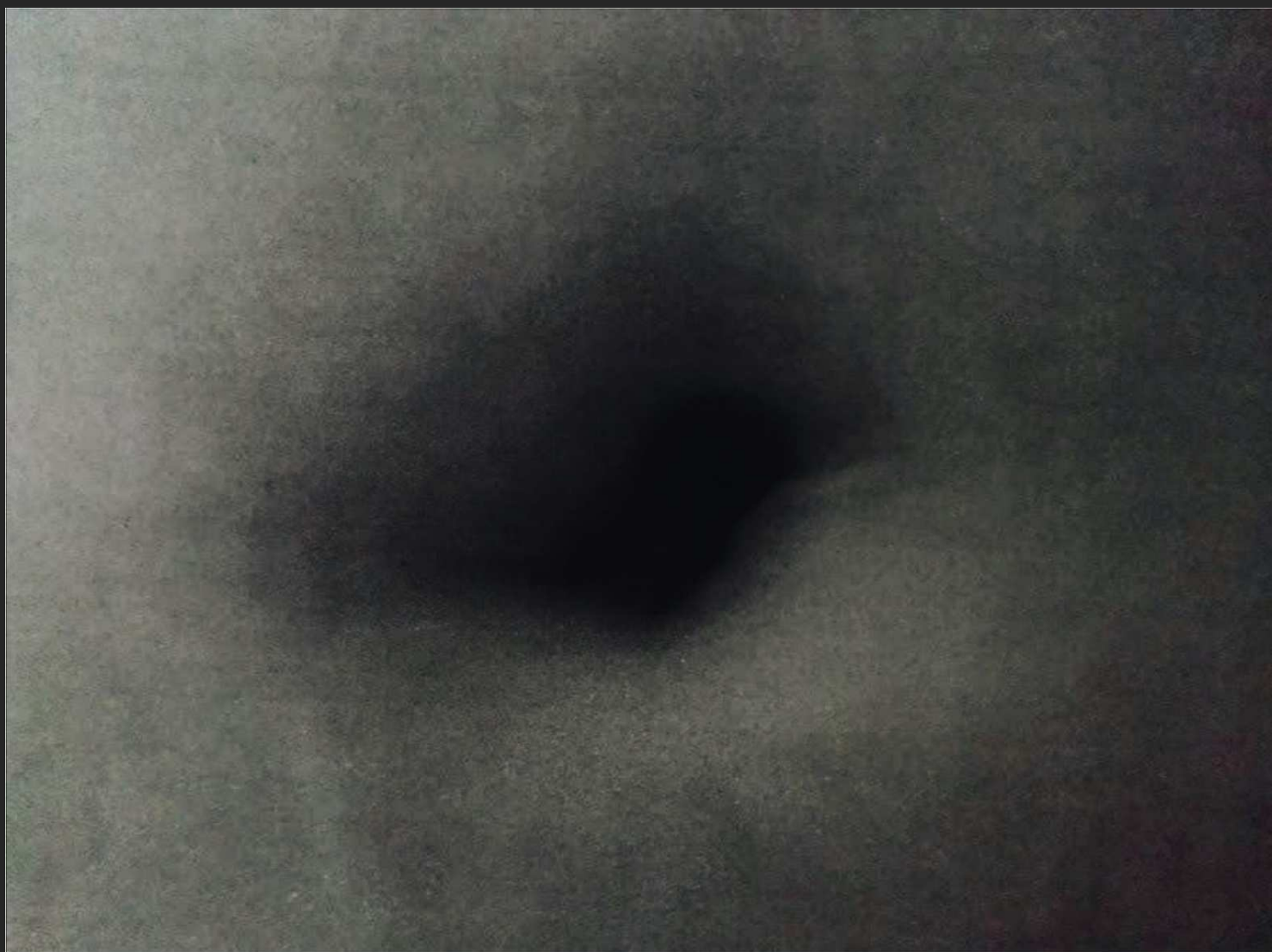
GABRIEL BATISTA



Na obra *Glória*, há dois sacos plásticos e seus respectivos conteúdos líquidos. Um dos sacos é ocupado com líquido incolor e dentro dele nadam delicadas fuligens, enquanto no outro saco, o fluido de seu interior assume uma intensa cor vermelha. A água quase límpida foi pensada para simbolizar a história da humanidade como mostram as óticas tradicionais: uma linha temporal marcada por determinada “evolução” da raça, repleta de civilizações responsáveis por desmedido “progresso”, onde usufruímos, atualmente, do que seriam condições de vida fluídas, quase imaculadas (a não ser por pouquíssimas fuligens negras), nunca antes tão favoráveis ao desfrute da vivência humana. O saco com líquido vermelho representaria um outro lado da história, denunciando que tal desenvolvimento só foi possível em detrimento da dignidade de outros povos não-dominantes. Os dois sacos plásticos, quando colocados em paralelo, tecem certo diálogo visual que permitiria tanto uma distinção quanto uma complementação de um para com o outro. As fotografias que compõem a obra acentuam as relações de peso e dimensão, enfatizando a simbologia dos líquidos, da maneira como eles são dispostos. A expressão facial muda a cada fotografia, refletindo as interpretações possíveis dessa história. Dessa forma, lhes apresento “*Glória*”, em nome de todas as presenças plurais históricas ocultas que atravessam tanto a obra quanto a mim.

GABRIELA INOUE

O CENTRO



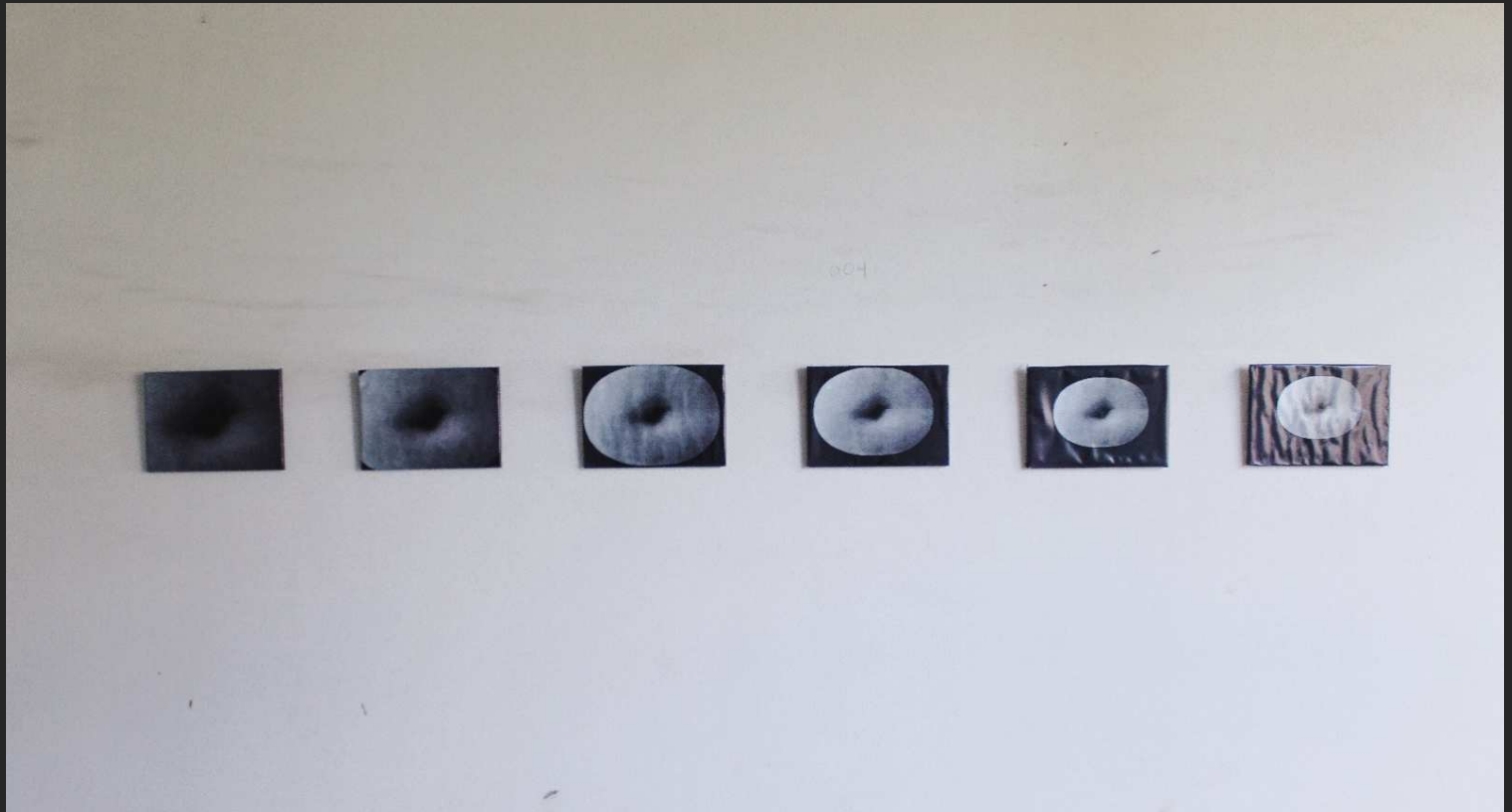
O Centro

Gabriela Narumi Inoue

2019

Série de fotografia expandida. 30cm x 40 cm.

GABRIELA INOUE



Partido da expressão popular “olhar apenas para o próprio umbigo”, referente a incapacidade ou negligência para sensibilizar-se e olhar para o outro que não seja o eu, a série O Centro busca colocar em discussão a relação eu e outro em indagações como: mas quem não olha para o seu próprio umbigo? Como podemos sair do nosso umbigo para enxergar o Outro? Sua criação deriva de uma experimentação dentro da fotografia expandida, a qual brinca com as fronteiras entre as diversas linguagens artísticas, formando estratégias que permeiam o processo de criação e a materialização do conceito que se dá nesta obra por meio do corpo. Este abriga em si uma potencialidade, além de uma utopia, que parte de sua inacessibilidade e fragmentação, uma presença que só se torna palpável pelo olhar do outro.

GRÉGORI KESTERING

O QUE SE PODE PRETENDER
DE UM EMARANHADO?



Ao olhar pra dentro de mim
Grégori Kesting
2019
Caneta nanquim e giz sobre papel.

GRÉGORI KESTERING



O conjunto de desenhos da proposta O que se pode entender de um emaranhado? Buscam expressar as condições de idealizações e pensamentos compulsórios que partem e se perdem no campo do inconsciente. Parte da ideia de encontrar possibilidades de entendimento a partir do pressuposto: o que entender de um emaranhado? Qual a garantia de que esses pensamentos são reais? Como entendê-los? Perguntas essas que nos permeiam através de seu processo de criação sem que necessite de um resultado final por parte da obra. Somos levados em construção e desconstrução enquanto a obra se faz a existir, nesse emaranhado de pensamentos potencializamos o desenvolvimento daquilo que buscamos encontrar.

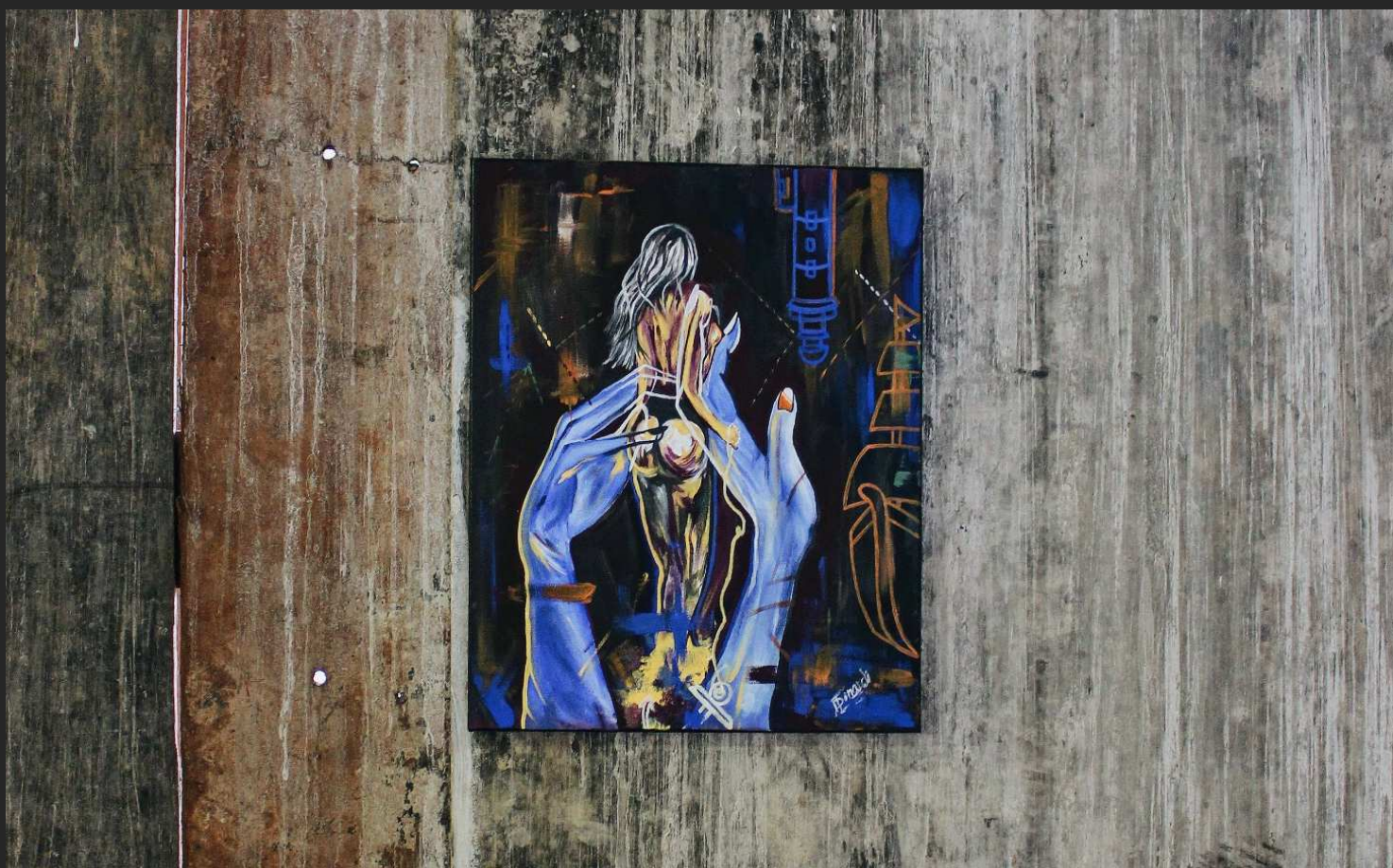
ISABELLA DINARDI

O PORTO



O porto
Isabella Dinardi
2019
Acrílico sobre tela. 40cm x 50cm.

ISABELLA DINARDI



A pintura "O porto", trata-se de uma pintura sobre tela, partindo da reflexão acerca da figura da mulher enquanto fortaleza em meio ao mar de incertezas, repressões, impasses e o peso de ser/existir tal qual é: mulher. As mãos ainda que atravessam e sustentam a mulher na figura do porto onde os barcos se abrigam, também atuam como o mar revolto. Ainda que a caravela está a chegar, a própria mulher já possui a âncora lançada. Ela é e se posiciona grandiosamente, sendo seu próprio sustento, forte na iminência de se sustentar, sustentar a âncora e existir com propriedade em meio a contextos de instabilidade no oceano que chamamos de vida.

JACQUELINE AMADIO

TRANSFORMAÇÃO DE UM SISTEMA
QUE VOLTA AO SEU ESTADO INICIAL



Transformação de um sistema que volta ao seu estado inicial
Jacqueline Amadio de Abreu
2019
Videoarte. Duração de 3min e 49seg.

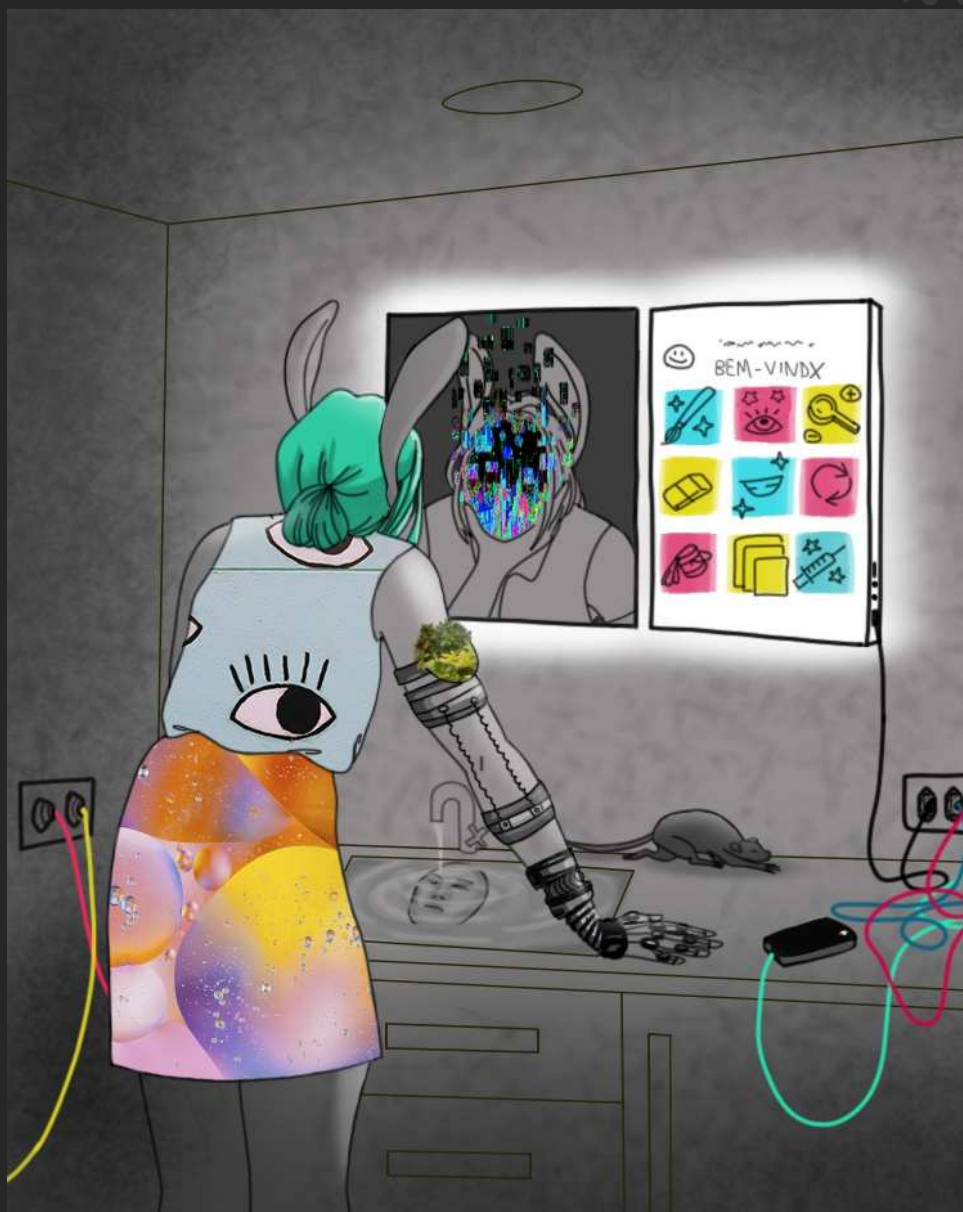
JACQUELINE AMADIO



Transformação de um sistema que volta ao seu estado inicial é uma pintura que se compõe por símbolos ancestrais e fragmentos de experiências que apontam narrativas outras sobre os corpos e vidas das mulheres. Há um movimento de reapropriação de nossa história pelos símbolos e de um voltar a si para ressignificar. No campo pictórico, os fragmentos de experiência remetem aos corpos cíclicos das mulheres, e este em relação com os ciclos da natureza, como era assim significado nas sociedades matrifocais. Há também o cíclico no movimento de construção, desconstrução e reconstrução de nossa história por meio da imagem, nos reapropriando de narrativas que o patriarcado tentou apagar e criando novas narrativas por meio da estética feminista.

LARISSA BELLAN

PROMESSA



Promessa

Larissa de Oliveira Bellan

2019

Pintura e colagem digital. 42cm x 59,4cm.

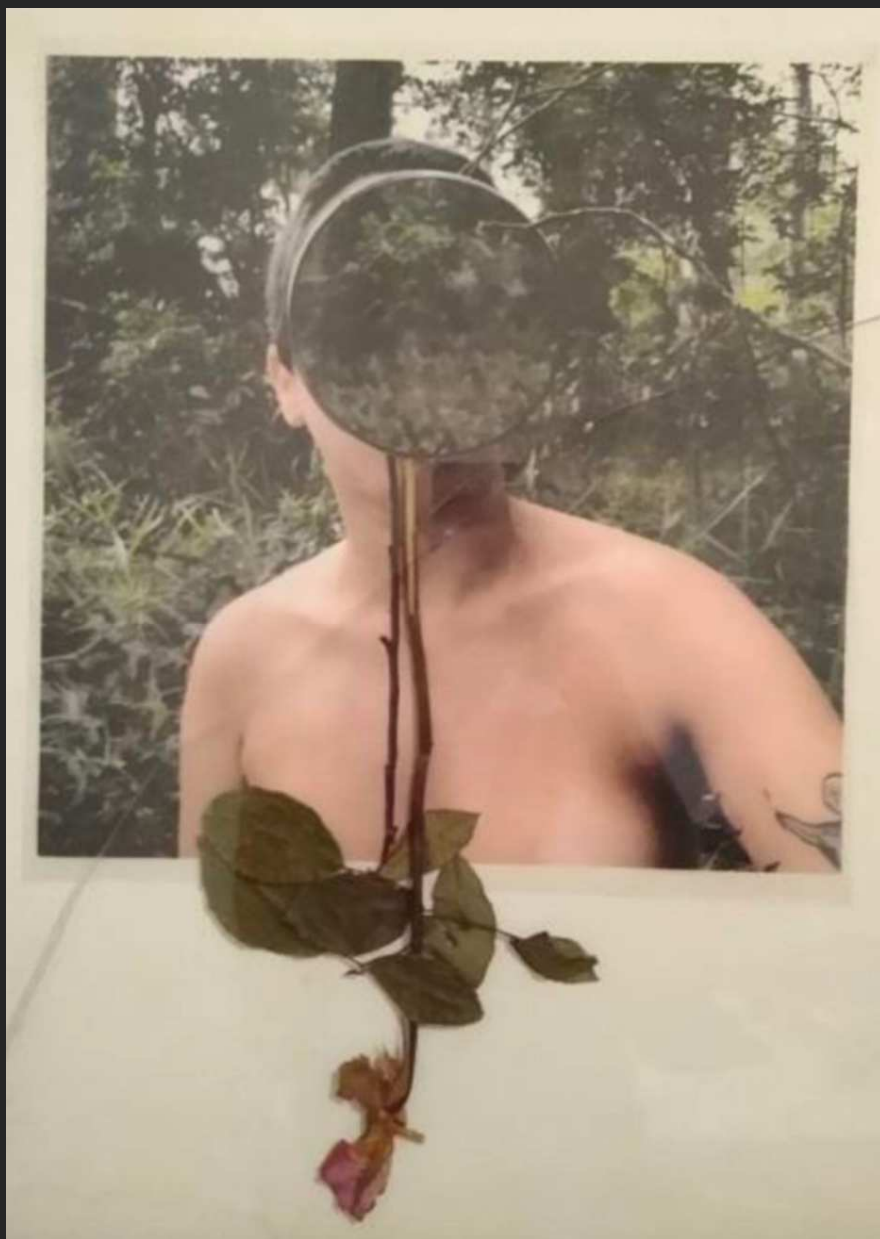
LARISSA BELLAN



A produção é parte da série "A era líquida da informação: subjetividades em inacabamento" que consiste em desenhos mestiçados com colagens digitais compondo seres ciborgues e animais que presentificam sensações de malestares. Cada experimentação se inicia com esboços em papel que são fotografados e encaminhados a um programa de edição para que seja tomado pelo traço digital e completado com colagem usando fotografias disponíveis na internet para manipulação. Frente a gama de cores possibilitadas, a paleta se concentra em cores gritantes e vívidas em meio aos tons de cinzas em ruínas. Seres vivos na contemporaneidade vazam fronteiras, fluidificam solidificações, suspeitam de normatividades e transmutam-se em maleabilidades que permeiam contradições. Em meio a tantas e constantes tentativas de buscas inacabadas, o vazio não é preenchido. Seria ele composto pela própria presença?

LUA CLARA

O PROCESSO O-CULTO



O processo o-culto

Lua Clara Fontes

2019

Instalação, entomologia, assemblage e fotografia manipulada digitalmente.

172cm.

LUA CLARA



Não anseio com este expor mais um corpo branco entre tantos e tantos outros corpos brancos, mas sim trazer à tona um processo de subjetividade que existe nos corpos, consciente ou inconscientemente; processo este que se não for desvendado, desestigmatizado, trabalhado com o sujeito, este torna prisioneiro de si-mesmo. Temos experiências não conscientizadas e essas simplesmente fazem parte da totalidade da personalidade; somos pouco capazes de avaliar o que um assunto realmente representa para nós. Um gesto inacabado, um processo de criação artística. Processo que está na contramão desse capitalismo desenfreado que nos presenteia com o imediato, não nos apresentando o modo de feitura. Nós não somos esse imediatismo; somos seres pensantes, em construção, algo a ser habitado por nós. Desta forma, a instalação deste processo o-culto dispara a pensar que talvez o espaço é um corpo vivo que precisa ser ativado e tencionado.

LUDMILA CASTANHEIRA E JULIANA PAMPLONA INTERDITAS



Interditas
Ludmila Castanheira e Juliana Pamplona
2018
Técnica mista. 2500 cm x 1500 cm.

LUDMILA CASTANHEIRA E JULIANA PAMPLONA



Durante o processo eleitoral de 2018, testemunhamos a instauração crescente de políticas de aniquilamento. Dentre as diversas minorias afetadas, nós, lésbicas, vimos as ameaças de violações sobre nossos corpos e imaginários se acirrare. Interditas é uma instalação inédita na qual, mobilizadas por este contexto, Juliana Pamplona e Ludmila Castanheira convidam mulheres lésbicas com idades entre 20 a 80 anos a responderem perguntas como “O que é ser lésbica hoje? O que tem te adoecido? O que te ajuda a se curar?”. As respostas em áudio foram editadas e dispostas nesta instalação em que vestes específicas de ambas as artistas podem ser vistas por detrás de uma barreira formada por fita zebra, como um comentário sobre nossa posição: presente, mas impedida em múltiplos aspectos. Porém, para nós, a instalação também é um dispositivo de fortalecimento, resistência e afeto: visitar-nos em nossos depoimentos cumpre estabelecer redes de cuidado e escuta ante aos processos que visam nos desarticular e promover isolamento. Somamos, assim, com muitas outras iniciativas de celebração da sapatonic, afirmando a potência das nossas existências enquanto desvio da norma coibidora. Interditas, pela criação de rede sem a qual não existiria, nos ensinou sobre cuidados, cumplicidade entre mulheres lésbicas, trocas não monetizadas, e sobre a redescoberta do pertencimento, ou deslocamento.

MARESSA GALETTI

INTERSUBJETIVIDADE “CLAC”



Intersubjetividade “clac”

Maressa Vieira Galetti

2019

Escultura de sementes de jatobá, fio encerado e baqueta. 92cm x 12cm.

MARESSA GALETTI



Cada um possui sua história de vida e vai agregando a história de outras vidas a partir de conexões feitas no dia a dia. Nesse trabalho, as sementes foram pensadas para fazer referência a essas questões, remetendo a cada um de nós. Os fios sugerem as trocas, as conexões que acontecem o tempo todo. Muitas vezes essas conexões passam rápido demais por e através de nós, mas deixam algo a ressoar, como no som produzido pelo atrito das sementes na obra. Na estética relacional de Bourriaud (1998) encontramos essa chamada aos corpos para participarem da obra. Chamada aos encontros, à disponibilidade para conexões. Dentro dessa abordagem, produzi a obra através de parcerias com pessoas da minha família. Relacionando com minha proposta de fazer conexões, tanto com aqueles que são próximos como com desconhecidos.

MATHEUS FIAUX

REI NINGUÉM



Rei Ninguém
Matheus Fiaux
2018

Videoarte. Duração de 3min e 49seg.

MATHEUS FIAUX



O Rei Ninguém surgiu de uma inquietação sobre a imagem do indivíduo hiper valorizado dentro de uma sociedade contemporânea onde idols, influencers, políticos e figuras famosas do meio midiático surgem como estandartes de valor ou virtude que usamos como referência na hora de pensarmos nossos próprios modos de vida. Passam a habitar um lugar de prestígio entre seus seguidores ou adeptos de seus ideais, como se a sua individualidade fosse de um valor superior, livre dos defeitos que reconhecemos em nós mesmos e que nos coloca na posição de imperfeitos perante a imagem que está sendo vendida pelo outro.

Se não houvesse a propagação de sua imagem, quem estes exemplos seriam? Diluídos em uma multidão de seres humanos, quem estes exemplos se tornam? Então, se a figura de alguém pode ser valorizada pela exposição de sua figura e de seus ideais através de telas, poderia o mesmo acontecer a um ninguém a quem nada conhecemos?

Este trabalho convida a pensar não só sobre o outro, mas também sobre o eu. Sua roupa é feita a partir de objetos considerados ordinários (arames, borracha, fita crepe, sacos de lixo e coisas quebradas) para reciclar-se a partir do descartável, assim como a própria visão que tendemos a criar em certos momentos sobre nós mesmos. Ele é a cristalização de um ensaio sobre aquilo que não valorizamos em nossas individualidades, buscando mostrar que não só pelo luxo somos validados, mas que também podemos transmutar e transcender ao reavaliar aquilo que em nós consideramos lixo.

MATHEUS YUKIO

RESISTÊNCIA



Resistência
Matheus Yukio Takahassi
2019
Fotografia sobre papel. Dimensões variadas.

MATHEUS YUKIO



Resistência é uma série fotográfica que registra uma performance e pintura corporal, produzidas durante a disciplina de Produções artísticas: Pintura I ministrada pela Prof. Rosiane no curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá. O corpo do artista foi pintado por sua amiga Thaila Danielly, levando em consideração algumas referências prévias e posteriormente as fotografias foram tiradas por Mayara Pereira Kusakawa em ambientes onde haviam grafites e cores vibrantes. Para o artista o processo das fotografias foi significativo, pois por conta de sua sexualidade sempre sentiu medo de ser quem realmente era, pois tinha receio da reação de outras pessoas, e durante o seu caminhar pela Universidade recebeu diversos olhares, mas “[...] independente de qual fosse, eu estava bem comigo mesmo, estava seguro, me sentia feliz por estar ali, naquele lugar, com a cara toda pintada, com glitter nas sobrancelhas, cílios postiços e batom preto [...]”. Portanto, para além da significância pessoal da obra em seu processo, o artista também espera que, por meio de suas fotografias, possa incentivar outros garotos a se sentirem confiantes em ser quem realmente são.

MAYARA KUSAKAWA

O CORPO ENTRE CORES



O corpo entre cores

Mayara Pereira Kusakawa

2019

Pintura em aquarela e nanquim. 20,1cm x 27,8cm.

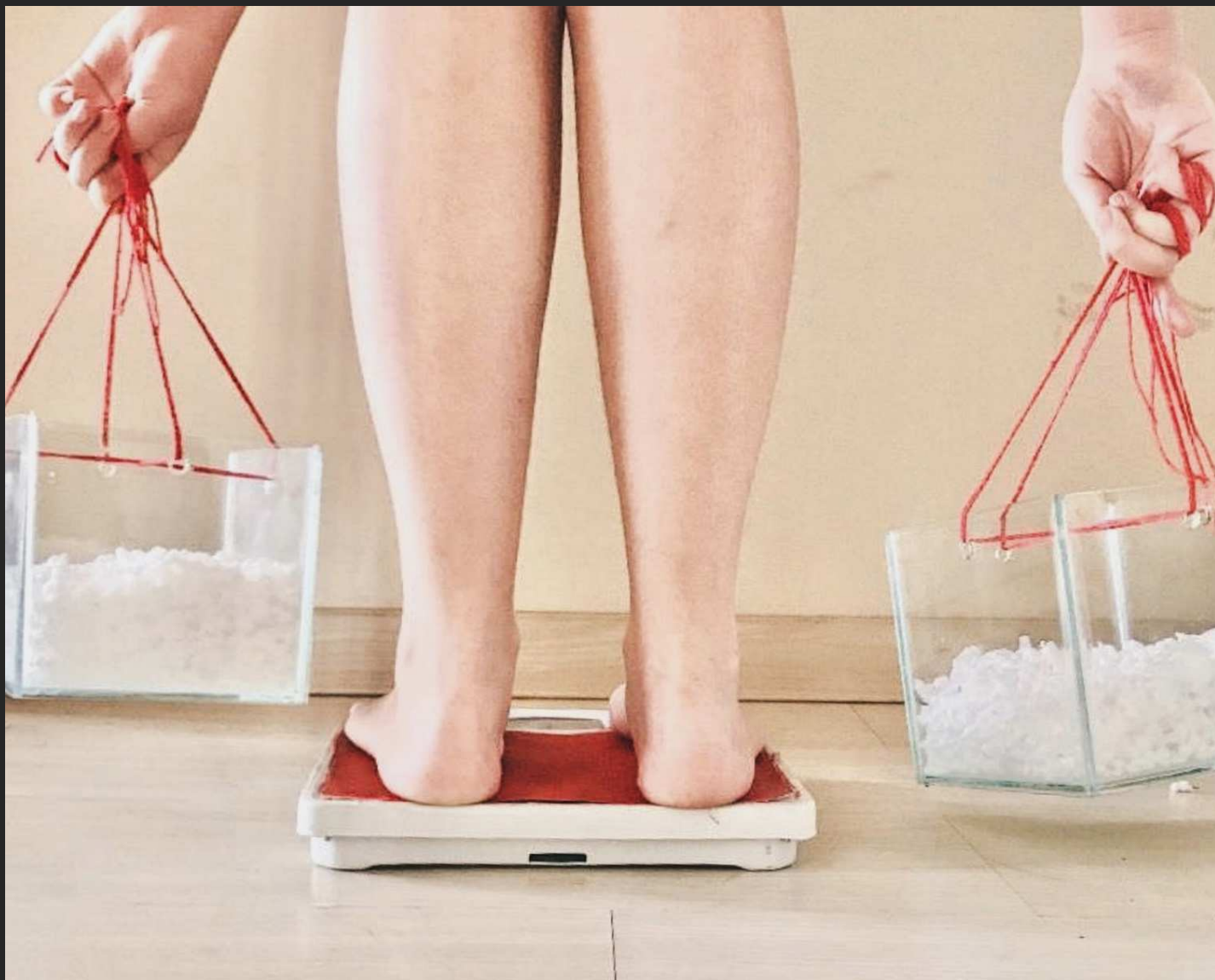
MAYARA KUSAKAWA



O ensaio visual Corpo entre cores é composto por quatro pinturas representados quatro tipos diferentes de corpos, o primeiro se trata de um auto retrato, quando realizei o ato de olhar para o meu próprio corpo e transformá-lo em arte, desenhando-o exatamente como é e colorindo seu entorno com cores vivas, tanto quentes como frias, em busca de aceitá-lo melhor e valorizá-lo. Também há a presença de uma mulher grávida, uma moça gorda e um rapaz magro, sendo todos esses possíveis alvos de críticas por quem valoriza padrões ideias de beleza que vem nos acompanhando ao longo de toda história. Cada vez mais dentro de mim, cresce a ideia de aceitar o nosso corpo como ele é, e independente de como ele seja, pois nós somos belos. Com esse pensamento desenvolvi essas obras que mostram o corpo, e as diversas cores que vejo neles, assim como vi em mim.

NATALIA DIAS

O PESO DO ENTRE



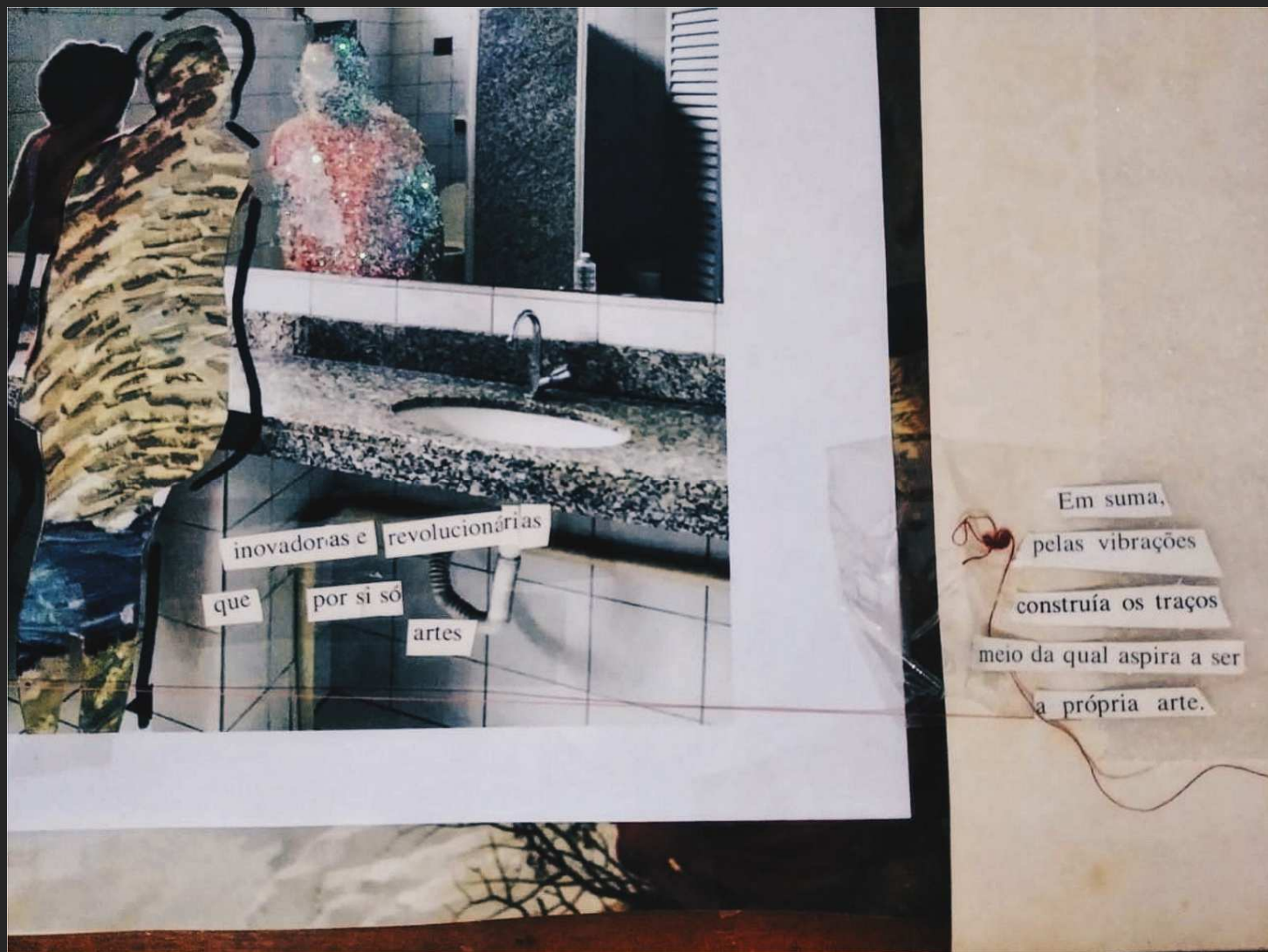
O peso do entre
Natalia Dias Pedroza
2019
Escultura relacional.

NATALIA DIAS



O Peso do Entre, é uma composição visual que utiliza dos conceitos peso e entre para refletir a relação estética do espectador com a obra. Buscando responder a questões como: O que acontece durante uma experiência estética? Que posição ocupa o corpo espectador? Que força exerce na potencialização de um trabalho artístico? A artista busca então perceber como seria o peso dessas relações obra e espectador, além dos conceitos peso e entre, a artista traz também o termo "rizoma" de Deleuze e Guattari (1980), que é quando nos permitimos estar em um "intermezzo", que não tem começo e nem fim e sim um meio.

PRISCILA DE SOUZA E LUI CLARA CO-EXISTIR SIMULTÂNEO



Co-existir simultâneo
Priscila de Souza e Lua Clara Fontes
2019
Colagem. 24cm x 70cm.

PRISCILA DE SOUZA E LUA CLARA



Co-existir simultâneo, eu sou enquanto você também é, eu não sou nada mais ou menos do que você. Ser é coletivo. O meu corpo-construção se emparelha, fricciona e enlaça com o seu em vários momentos do nosso processo de viver-social e de maneira alguma o que eu sou pode tirar a sua liberdade de ser o que é e tudo o que você pode vir a ser. Enquanto construído, nosso corpo é repleto de informação e subjetividade, todavia, é moldado. Subjetividades moldadas em meio a uma sociedade globalizada, ainda governada e colonizada. Com isso, é a partir destas três produções que damos a ver a imposição e a fabricação da identidade e de estética aceitáveis, bem como a potência inovadora e revolucionária desses corpos no espaço onde habitam pela rasura, acoplamento ou pelos corpos que extravasam o dado (o fundo), deixando apenas o molde, a forma, a fim de instigar a reflexão do que te preenche, a final, quem ou o que constitui teu corpo? As linhas costuradas e soltas tecem a coletividade; o co-existir respeita formas de existências-outras em si mesmo e (d)entre todos, operando por meios que se encontram, entrelaçam, vão, chegam, unem pontos ou simplesmente não se finalizam em lugar nenhum...

RODRIGO CASTELEIRA

LAVAGENS



Lavagens
Rodrigo Pedro Casteleira
2019
Instalação. 300cm x 300cm.

RODRIGO CASTELEIRA



Lavagens trata-se de uma instalação, pensada e projetada em 2018, composta por 25 bacias com uma fotografia da infância do artista presa dentro de um sabonete de glicerina e colocado um em cada uma delas. As bacias receberão água tingida de vermelho em uma escala que oscilará da água mais tingida de vermelho até a mais clara, representando o desenvolvimento de uma criança, a menos que seja interrompida pela morte prematura, talvez pelas vias do Estado. A ideia é a de suscitar nas pessoas memórias de suas infâncias, além de provocar reflexões sobre as mortalidades de corpos negros, ainda durante a infância. Como modo de alocar minhas influências e atravessamentos, fui contaminado pelas obras e performances sobre negritude de Jota Mombaça (2017), Michelle Mattiuzzi e Pedro Galiza, além de perspectivas e atravessamentos de/sobre arte com Ludmila Rediviva e Maddox. Trago, ainda, conceitos de necropolítica de Achille Mbembe (2018), de uma educação que precisa ser subvertida, segundo a pesquisadora Bell Hooks (2017), além de Megg Rayara (2017), com sua acidez necessária para uma academia ainda arredia às existências fora da norma.

SORAYA TORY

REGISTROS DE ESTÁGIO



Registros de estágio
Soraya Ayumi Tory
2019

Fotografia. 6,3cm x 8,5cm.

SORAYA AYUMI TORY



Estagiar... Inúmeros processos certo-incertos-certo-incertos, espaços, afetos; registros. Registros que nos registram em fazer-se e depois de um respiro, voltar-se em meio a eles revelam infinitas dobras. Permite que busquemos por nós mesmos, significados e valores no que vivemos (HERNÁNDEZ, 2000). Estes frames de vídeos carregam pensamentos, percepções, memórias... O nosso experienciar em suas visualidades. Intentamos pensar o processo educativo enquanto experiência/sentido (BONDÍA, 2002), assim, queremos marcar e expor o que nos passou, atravessou, tocou e como nos tocou. Dizem também do que não nos passou, não nos atravessou, não nos tocou e de que forma não nos tocou. Evidenciamos a nitidez, a velocidade, a tranquilidade, o breu, o embaçado, o difuso, o fúlgido, o cansaço, a dúvida, a alegria, o tédio e outras muitas sensações evocadas por e no dia a dia do estágio.

SORAYA TORY

INSERÇÕES EM CONCRETO I E II



Inserções em concreto I e II

Soraya Ayumi Tory

2019

Fotografia. Dimensões 4cm x 2,3cm x 2,5cm.

SORAYA AYUMI TORY



A série de fotografias se refere a uma proposição de intervenção urbana para os muros em concreto. A partir da observação da cidade em suas fissuras, janelas, lacunas, brechas, rachaduras e espaços "vazios", busca encontrar, em meio à saturação do urbano, um intervalo, um respiro, um espaço temporário para abrigar o efêmero. Ao assumir nossa liberdade e nosso direito de (re)criação para com a cidade quando imaginamos, é possível experimentar e agir sobre as superfícies concretas do urbano. Assim, o trabalho se volta aos muros e paredes da cidade, bem como também para as lacunas e brechas presentes nesses planos, propondo (re)ocupação de espaços fissurados em muros da cidade, que um dia foram ocupados por concreto, como um convite a (re)ver e (re)pensar essa estrutura sólida tão presente em nossos espaços urbanos. Pois, se não nos interessa a restituição de nossas lacunas à concretude, talvez nos cative a brevidade das pedras de gelo.

THALIA MENDES ROCHA

ENCONTROS DE CORPOS CAMUFLADOS



Encontros de corpos camuflados

Thalia Mendes Rocha

2019

Fotografia em vidro. 14,5cm x 28,5cm x 8,5cm.

THALIA MENDES ROCHA



Fotografias que tocam em subjetividades escondidas em nossos arredores, colocando em primeiro plano corpos outros que habitam o nosso cotidiano sendo muitas vezes despercebidos por causa de passos apresados e olhares distraídos. Corpos camuflados são tencionados nessa dimensão do registro nos levando a indagações de como estes corpos outros convivem neste mesmo ambiente? Como nossos corpos são atravessados por estes? Animais, insetos e outros organismos vivos, percebidos por nós muitas vezes em uma dimensão micro mas fazem parte de uma macrototalidade expansiva muito maior que a nossa, no qual somos forasteiros, estrangeiros ainda desse espaço tão antigo mas ao mesmo tempo tão recente as nossas materialidades. Assim Dialogamos com questões de travessia, trânsitos e coletividade em habitar e ser habitado por muitos outros que nos rodeiam.

EXPOGRAFIA

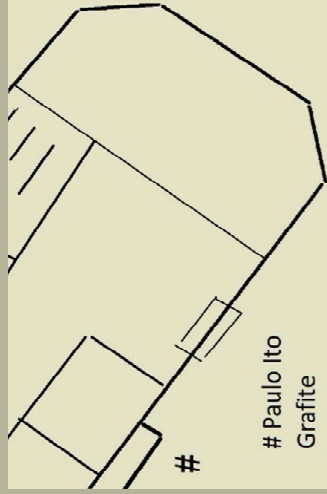
O trabalho expográfico se refere a um processo de organização, pensamento e materialização de um espaço expositivo, manipulando e construindo um ambiente que propicie uma experiência estética a partir de diálogos entre conteúdo, ideia e forma.

A expografia contemporânea acompanha também a mudança das dinâmicas artísticas entre ambientes de exposição e o público. Não podendo ser mais encarada como um acúmulo de trabalhos dispostos aleatoriamente em um espaço. Muitas ações estratégicas são criadas para romper a barreira da percepção e adentrar no campo da experiência, que pede por uma implicação maior do público.

No que tange a exposição Presenças Plurais o trabalho da expografia implicou uma adaptação às condições precárias do local, haja vista que o mesmo se encontrava abandonado há mais de 10 anos. A tríade conteúdo, ideia e forma, foi atravessada pelo conceito de ruína que definiu muitas das decisões expográficas, se tornando um elemento estético importante. A ideia de ocupação também foi algo relevante para a criação de um ambiente pensado para proporcionar uma atmosfera de pertencimento a um espaço até então desativado.

Presenças Plurais exigiu de nós um olhar cuidadoso para que, entre escombros, pudéssemos criar vias de passagens e pontos de paragens para experiências estéticas singulares. Atravessados por poeira, pó, dejetos e certo abandono institucional, o Espaço Ruínas aos poucos cedeu forma a esta exposição composta por 31 trabalhos artísticos das mais variadas linguagens.

MAPA EXPOGRÁFICO



#

Paulo Ito

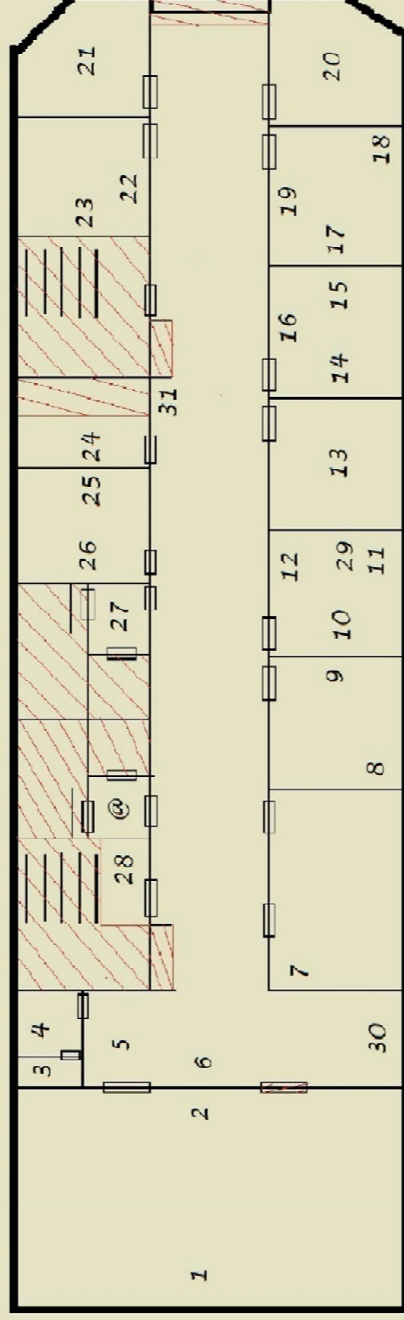
Grafite

no I12

Corpo a corpo Presenças Plurais

1 Bárbara Boer (Lute como uma ruína) •

2 Jacqueline Amadio de Abeu (Transformação de um sistema que volta ao seu estado inicial)



3- Ludmila Castanheira e Juliana Pamplona (Interditas)

4- Rodrigo Pedro Casteleira (Lavagens)

5- Beatriz Marques Noll (Tecitura do meu corpo-mulher)

6- Gabriel Silva Batista (Glória – sobre histórias ocultas)

7- Débora Curti (Indescernibilidades)

8- Matheus Yukio Takahassi (Resistência)

9- Mayara Pereira Kusakawa (O corpo entre cores)

10- Thalia Mendes Rocha (Encontros de Corpos Camuflados)

11- Soraya Ayumi Tory e Paula Cristina Luersen (Inserções em concreto)

29- Soraya Ayumi Tory e Paula Cristina Luersen (Inserções em concreto II)

12- Maressa Vieira Galetti (Intersubjetividade)

13- Luiza Rodrigues Quirino, Gabriela Zari, Yasmin Grigoli Zoccanthem José Gonçalves Pestes Neto e Carlos Roberto de Souza Neto (Complementares)

14- Larissa de Oliveira Bellan (Promessa)

15- Carina Seron da Fonseca (Heterorretros)

16- Grégori Augusto Farias Kesterling (O porto)

17- Angélica T. Gonçalves (À flor da pele)

18- Matheus Fiaux Pereira (Rei Ninguém)

19- Aron Lisboa de Macedo Brito (Série de Fotografia- Matriarcas)

20- Aléxia Amanda Doro (Intrinseco)

21- Bianca Luiza Marçal Melchior (O gesto em movimento)

22- Soraya Ayumi Tory e João Paulo Baliscai (Registros de Estágio)

23- Gabriela Narumi Inoue (O centro)

24- Lua Clara Fontes (Processo O-culto)

25- Andreia Ayumi Tory e Paula Cristina Luersen (Inserções em concreto)

26- Priscila Castro de Souza e Lua Clara Fontes (Co-existir simultâneo)

27- Ana Julia Preza de Campos (A identidade do Monstro)

28- Natalia Dias Pedroza (O peso do entre)

30- Débora Curti Cirilo, Me. Ricardo Thomasi, Carla Andreia Anselmo Xavier e Camila Faustino Zinhoni (Des) conexões, performance e multimídia

31- Isabela Dinardi A.da Silva (O porto)

@- Materias

MEDIAÇÃO

Presenças Plurais foi uma exposição que deslocou espaços e materialidades em meio a conceitos e poéticas muito diferentes e potentes. Dentre esses deslocamentos o/a espectador/a cria sua rota de percepção sensível ao percorrer a exposição, e nesse contexto entra o trabalho da mediação. Mediar uma exposição como essa é criar possibilidades de outros olhares para os espaços abandonados da universidade e também para o curso de Artes Visuais. Transmitir a ideia de ocupação e explicar o porquê de estarmos ali é um gesto de resistência e por isso o papel da mediação foi essencial para essa exposição.

A mediação no espaço-ruínas distanciou-se das exposições convencionais, já que conforme O'doherty (2002, p. 13), "no espaço de exposição asséptico e atemporal das galerias desse museu, a obra de arte é individualizada e apresentada em ambiente homogêneo que sublima as nuances arquitetônicas do edifício". Dessa forma, por envolver um espaço que não potencializa a sacralização das obras, a exposição Presenças Plurais tornou-se mais convidativa ao afeto, diminuindo a distância entre obra e público.

Referências

O'DOHERTY, Briann. No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

AÇÕES EDUCATIVAS

O QUE É?

Ações educativas são atividades pensadas e elaboradas levando em consideração a relação entre as obras e o/a espectador(a)/observador(a). Elas são projetadas e realizadas pelo grupo de mediação, essas ações podem ser utilizadas no espaço da exposição e posteriormente em outros lugares com viés educativo ou não. Essas realizações têm como objetivo propor reflexões e diálogos sobre a arte contemporânea, abordando histórias de vida, mimeses, catarses, fluxos, pensamentos e outras possibilidades inventivas das pessoas e do contato com a arte/poética e o processo artístico.

ARTE E EDUCAÇÃO PARA AS PLURALIDADES

São atividades lúdicas, projetadas e pensadas para a relação com a arte e com o ambiente de ensino/aprendizagem que incorporam pessoas e vertentes outras. As obras e o espaço da exposição são imaginadas para uma maior absorção e troca de conhecimentos, experiências e diálogos em relação ao que foi observado e vivido.

A exposição Presenças Plurais traz em um de seus muitos eixos e vertentes a realização de ações que vislumbrem o acontecimento após a exposição, atividades e práticas que podem ser realizadas em outros espaços, que incorporem as temáticas das obras e façam desse material algo vivo e em trânsito.

AÇÕES EDUCATIVAS

OTRAÇO DO SOM

Pensando no deslocamento e nas reflexões que o espaço Ruínas nos provoca, essa fissura no cotidiano e um convite à arte contemporânea, é possível que a gente crie novas percepções dos ambientes por onde passamos. Dessa forma, convidamos vocês a experimentar os lugares cotidianos com outro olhar, partindo dos sons.

A proposta é escolher um ou vários lugares da cidade e parar um momento para prestar atenção nos sons ao seu redor. Conversas, músicas, buzinas, pássaros, até os sons mais minuciosos que você perceber. Ao ouvir esses sons, faça desenhos em uma folha de papel, traços, riscos, rabiscos, cores, formas. Deixe fluir o som da cidade na folha de papel.

O exercício pode ser feito individual ou coletivo, podendo usar um painel de papel craft, e interligar a percepção de várias pessoas no mesmo papel.

O objetivo do exercício é se conectar com o cotidiano, ficar mais atento aos sons efêmeros que nos perpassa, perceber o tempo e o espaço, criando novos significados para o espaço que ocupamos e vivemos. Essas significações são traduzidas em expressões no papel.

AÇÕES EDUCATIVAS

RODA DE CONVERSA

Após a observação do catálogo ou da exposição, formar uma roda de conversa com os participantes e iniciar uma discussão questionando: Quantas artistas são mulheres na exposição? E quantos são homens? Quantos são negros? Quantos são trans? Buscando observar como a organização e a curadoria da exposição lidou com a diversidade de artistas expostos.

(RE)IMAGINANDO A CIDADE

A exposição Presenças Plurais foi realizada em um bloco em ruínas, que antes era abandonado e acabou sendo ressignificado a partir das ações e trabalhos dos artistas. A partir de reflexões sobre esse caráter subversivo da ocupação surge uma proposta de atividade: um passeio pela cidade e seus locais abandonados, porém com um olhar diferente do habitual, buscando pequenos elementos para ressignificar e modificar. Essas pequenas modificações poderão ser registradas para depois serem compartilhadas com os outros participantes

FICHA TÉCNICA

CURADORES

Roberta Stubs
Maddox (Cleber)

CONTEÚDO

AUDIOVISUAL

Isabella Dinardi

ASSISTENTES DE CURADORIA

Alecsander José
Beatriz Nolli
Bruna Augusta
Caroline Yukari
Emilly Anselmo
Fernanda Ayumi
Gabriela Ortado
Letícia Azevedo
Márcio Soares

EXPOGRAFIA E MONTAGEM

Arthur Bivanco
Beatriz Ichiba
Lívia Bernardo

COMUNICAÇÃO VISUAL

Angélica Teixeira
Bianca Marçal
Bárbara Boer
Isabella Dinardi
Matheus Fiaux
Matheus Gorni

REGISTRO FOTOGRÁFICO

César Augusto
Kelly Salgado
Luiza Quirino
Roberta Stubs
Fernanda Magalhães

MEDIADORES

Aléxia Doro
Ana Bárbara Gulhon
Ana Júlia Campos
Carlos Roberto de Souza
Débora Curti
Gabriel Batista
Giovana Lagos
Jacqueline Amandio
Jaqueline Nascimento
João Serbai
Larissa Bellan
Mariana Bachini
Natalia Pedroza
Yasmin Grigoli

CRÉDITOS DE PUBLICAÇÃO

ORGANIZAÇÃO

Roberta Stubs
Maddox (Cleber)

EDIÇÃO DE TEXTOS

Aléxia Doro
Ana Júlia Campos
Débora Curti
Jacqueline Amandio
Larissa Bellan
Lívia Bernardo
Maddox (Cleber)
Roberta Stubs

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Equipe de Comunicação
Bruna Augusta
Matheus Fiaux

REVISÃO

Assistentes de Curadoria

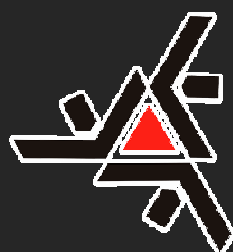
CRÉDITOS DE IMAGEM

Angélica Teixeira
Marina Lima

AGRADECIMENTOS

Ao coordenador do curso de Artes Visuais e do I Seminário de Artes Visuais, Corpo a Corpo - Presenças Plurais, Vinícius Stein; aos professores do curso de Artes Visuais da UEM: Aletheia Alves da Silva, Eloiza Amália Bergo Sistito, João Paulo Baliscei, Luane Maciel Freire, Paula Cristina Luersen, Rosiane Cristina de Souza, Sheilla Patricia D. de Souza; à chefia do DTP Gilmar Alves Montagnoli; à diretora de obras e projetos Tania Nunes Galvão Verri; ao reitor Julio César Damasceno; ao vice-reitor Ricardo Dias Silva; ao chefe de gabinete Alessandro Santos da Rocha; aos setores de eletricidade e segurança da UEM; à todas alunas e alunos do curso de artes visuais que participaram da organização do evento, especialmente às turmas do 4º ano; aos artistas participantes; ao grupo DOBRA de pesquisa em arte, subjetividade, educação e diferença.

Apoio:





FICHA CATALOGRÁFICA

STUBS, Roberta & MADDUX, Cleber (orgs).
Exposição Presenças Plurais. In: I Seminário de Artes
Visuais da UEM. Corpo a corpo: Presenças Plurais.
Universidade Estadual de Maringá - UEM. Anais
eletrônicos. Maringá, PR: UEM, 2019. ISSN 2318-
6453.

Este catálogo foi publicado por ocasião da exposição Presenças Plurais,
realizada entre 25 e 29 de Novembro de 2019, em Maringá-PR.

